ISSN 1984-5634

EDITORIAL

OUVIR AS VOZES AFRO-INDÍGENAS

VINÍCIUS FURQUIM DE ALMEIDA[1]

EDITORA-CHEFE:
Elisa Schneider Venzon

EDITOR-GERENTE:
Leandro Ferreira Souza

"Seus professores não o haviam ensinado a sonhar, como nós fazemos" (KOPENAWA; BRUCE, 2015, p. 63). Foi assim que o xamã yanomami Davi Kopenawa estabeleceu a diferença entre ele e o antropólogo Bruce Albert. Ali, a demarcação entre o ser indígena yanomami do xamã e o ser branco, homem e europeu do antropólogo, está relacionada, sobretudo, à dimensão cosmológica da vida. Isso porque, na confluência de um mundo globalizado, conectado mesmo, somente aquele que não quer ver pode conceber uma vida só, uniforme, ditada pelas mesmas diatribes pertinentes a um único ser. Não raro, aquele que não vê é o homem cisgênero, heterossexual, branco, impetuoso na ânsia de conquista e que costuma não sonhar. Foi preciso, então, que o xamã dissesse ao antropólogo que sua História era outra, de cósmica distinta, e que o ensinasse sobre os nomes e as existências da floresta. Ensinasse a ele, o cientista, o estudioso homem branco.

A frase de Davi carrega a essência do que se pretende com a edição número 35 da revista Aedos, que apresenta o dossiê *História do Brasil e(m) dimensões Afro-indígenas*, isto é, subverter a ordem posta dos ensinamentos, deslocando quem, o que, e como a História do Brasil é ensinada. Reaviva-se o todo, mas não aquele do universal pretendido pela branquitude.

COMO CITAR:
ALMEIDA, V. F. de. Ouvir as vozes afro-indígenas. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 2-4, dez.-mar. 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

[1] Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado e Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orcid: 0000-0001-6408-4029. E-mail: vinicius.furquim.almeida@gmail.com

É bom que se diga que a História da população negra e indígena no Brasil não precisa ser (re)inventada, porque sempre esteve presente. É como nos disse a multifacetada intelectual Lélia Gonzalez:

> Estamos cansados de saber que nem na escola nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. (GONZALEZ, 2020, p. 186)

O esforço historiográfico, no sentido epistêmico, dos autores dos artigos que seguem é o de reposicionar essa História, agora também como narrativa, em contraposição à hegemonia sociopolítica eurocêntrica e de sua longeva historiografia linear e prenhe de recalques, ressoando Gonzalez, quando ela arrematava a reflexão dizendo: "a gente tem mais é que tentar mostrar que a coisa não é bem assim, né?"(GONZALEZ, 2020, p. 186). É!

Portanto, o que se quer aqui, na paráfrase ao *Negro Drama* dos Racionais Mc's, é "entrar, tomar e 'cê' nem ver" (RACIONAIS MC'S, 2002). Ou, de outra maneira, na senda do que propôs o pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos: uma reedição das trajetórias dos povos marginalizados a partir de suas próprias matrizes, uma contracolonização (SANTOS, 2018, p. 9).

Neste sentido, ao longo dos mais de 20 artigos que compõem o dossiê, o leitor encontrará propostas investigativas que dão conta tanto do plano do ensino e da teoria da História, quanto da historicização das agências sociais das populações indígenas e negras ao longo do tempo, desde o Brasil colonial ao tempo presente. Uma remessa à contemporaneidade absoluta dos protagonismos (CASTRO, 2015, p. 34) que, aos olhos de uma História empoeirada, são marginais. Inventivas, sim, são as abordagens das e dos pesquisadores/as, que consideram, por exemplo, as dimensões de gênero, as ficções, as oralidades, a cultura material e as manifestações artísticas, como formas de retomada e ampliação do entendimento a respeito das Histórias, sempre voltadas para a reedição de que falamos. Melhor ilustração da permanente feitura da História pelos próprios povos não há.

Em *Meu tio o Iauaretê*, de Guimarães Rosa (2001), quando o onceiro mestiço vai se transformando em onça e assumindo o seu lado indígena, deglutindo o português com o tempero idiomático tupi, o que emerge é a onça, devoradora de homens. O que ecoou, então, foram os esturros imemoriais que confundem, até hoje, os homens-leitores. Que estejamos dispostos a ouvir a voz da onça a partir das histórias afro-indígenas aqui apresentadas, suas idiossincrasias e vicissitudes, de modo a aprendermos mais sobre suas vidas e expressões identitárias. E que não tenhamos a sanha de morte diante do desconhecido, muito própria aos conquistadores.

Referências

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Prefácio. *In*: KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 11–43.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RACIONAIS MC'S. **Negro Drama**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. CD (6:53).

ROSA, Guimarães. Meu tio o Iauaretê. *In*: **Estas Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, [*s. l.*], n. 12, p. 44–51, 2018.